TRILHA DE LEITURA

Introdução a Gênesis

O livro dos começos: o começo do mundo, o começo do pecado e o começo de uma família por quem Deus resolve abençoar o mundo inteiro

TEMA

Gênesis não é o livro dos heróis perfeitos, é o livro do Deus que constrói um povo com gente falha e transforma o mal em bem.

TEXTOS-BASE

Gênesis 1:1-2:3 | Gênesis 3
Gênesis 12:1-3 | Gênesis 50:20

Ítalo Moiá

PARTE 1

Por que vale a pena ler Gênesis

Gênesis é o primeiro livro da Bíblia, e não abre a Bíblia por acaso.

A palavra “gênesis” quer dizer origem, começo. E é isso que o livro conta: os começos. O começo do mundo, o começo do mal, o começo de um povo.

Ele é a base de tudo o que vem depois. Quase toda ideia importante da Bíblia começa aqui. Muitas vezes numa única frase, dita de passagem, que os escritores dos outros livros vão pegar e trabalhar durante séculos.

Quem é Deus como criador. De onde vem o mal. Por que a gente morre. O que é uma aliança, quer dizer, um acordo firmado entre Deus e o seu povo. Por que existe um povo chamado Israel. O que significa uma promessa que atravessa gerações. Tudo isso nasce em Gênesis.

Ler o resto da Bíblia sem passar por Gênesis é como entrar numa conversa pela metade. Você ouve as respostas sem ter ouvido as perguntas.

> GUARDE ISTO
>
> Gênesis não é o livro dos heróis perfeitos. É o livro do Deus que constrói um povo com gente falha e transforma o mal em bem.

Um exemplo concreto. Quando o apóstolo Paulo quer explicar como uma pessoa é aceita por Deus, ele não corre para uma lei nem para um ritual. Ele volta a Gênesis. Ele lembra o exemplo de Abraão: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça” (Romanos 4:3). E essa frase Paulo foi buscar em Gênesis 15:6.

Quando o Novo Testamento fala da vitória sobre o mal, ele volta a Gênesis, à promessa de que um descendente da mulher vai ferir a cabeça da serpente (Gênesis 3:15).

Quando Jesus é questionado sobre casamento e divórcio, ele responde citando Gênesis 1 e 2 (Mateus 19:4-6).

Gênesis é o solo onde as sementes foram plantadas. O resto da Bíblia é a plantação que cresce dali.

E tem mais uma coisa. Gênesis é fácil de ler, porque é história, e história boa. Passados os onze primeiros capítulos, o livro conta a vida de quatro gerações de uma mesma família. Ciúme, mentira, briga, reconciliação, pai que prefere um filho aos outros. Coisas que qualquer pessoa reconhece.

Antes de ser um livro de doutrina, Gênesis é um livro de gente.

PARTE 2

O mundo em que este livro nasceu

Para entender Gênesis, ajuda saber onde e quando a história se passa.

A segunda metade do livro se passa no tempo dos patriarcas, os pais fundadores do povo: Abraão, o filho dele, Isaque, e o neto, Jacó. Isso foi há muito tempo, uns dois mil anos antes de Cristo.

O livro não dá essa data em número. A gente descobre a época pelos detalhes. Abraão vive em barracas, anda de um lugar para o outro com seus rebanhos, cava poços, paga com gado e com prata, e fecha acordos com juramentos e refeições. É o retrato de um chefe de família que vive viajando com o gado, não de um morador de cidade murada.

A história anda por uma faixa de terra boa que os estudiosos chamam de Crescente Fértil. É um arco de terra com água, que sobe pelo lado dos rios Tigre e Eufrates, dobra para o oeste e desce por Canaã até o Egito.

A vida de Abraão percorre quase todo esse arco. Ele sai de Ur, lá embaixo, sobe até Harã, no norte, desce para Canaã, foge para o Egito quando falta comida, e volta. No fim do livro, a família de Jacó faz esse mesmo caminho de novo, descendo para o Egito por causa de outra fome. O livro se move sobre um mapa que qualquer pessoa da época conhecia de cor.

> PARA ENTENDER O CONTEXTO
>
> E era um mundo cheio de deuses. Cada cidade tinha o seu. Um deus para o céu, um para a tempestade, um para a terra dar fruto. É desse mundo que Abraão é tirado.

Muito tempo depois, Josué lembra o povo de onde eles vieram: “Há muito tempo, os seus antepassados, inclusive Terá, pai de Abraão e de Naor, viviam além do Eufrates e prestavam culto a outros deuses” (Josué 24:2).

Guarde só isto por enquanto. Abraão era um homem tirado de uma terra de muitos deuses e posto a caminho por um Deus que se apresenta sozinho, sem depender de nenhum outro.

PARTE 3

Quem escreveu, quando, e para quem

O livro não traz uma assinatura na capa. E, diferente de Êxodo, Gênesis não mostra ninguém escrevendo dentro da história.

Então de onde vem a ideia de que Moisés está por trás dele? Vem do conjunto. Os cinco primeiros livros da Bíblia são lidos como uma obra só. E outros livros desse grupo, como Êxodo e Deuteronômio, mostram Moisés escrevendo (Êxodo 24:4; Deuteronômio 31:24).

A tradição antiga entendeu, a partir disso, que Moisés está na origem de todo esse conjunto, incluindo Gênesis, que é o livro que abre a coleção. Jesus e os apóstolos falavam da “Lei de Moisés” com naturalidade.

Existe discussão entre estudiosos sobre como exatamente o livro foi montado e escrito. Uns acham que ele foi juntado aos poucos, a partir de textos mais antigos. Outros defendem que ele é bem mais antigo e unido do que se diz.

Duas frases para o leitor comum. Primeira: essa discussão é sobre como o livro foi escrito, não sobre o que ele diz de Deus. Segunda: nenhuma dessas contas muda uma linha do que você vai ler.

O livro que temos nas mãos é um só. Tem começo, meio e fim, foi pensado para ser lido inteiro, e é esse que a igreja lê há dois mil anos.

Não trave nisso. Você não precisa virar especialista para ler Gênesis com proveito. E a preocupação com quem segurou a pena não pode roubar a atenção que o texto merece.

PARTE 4

O mapa do livro

Ninguém atravessa um caminho longo sem mapa. Este é o seu.

Gênesis tem cinquenta capítulos, mas se divide com clareza em dois grandes blocos. Guarde os dois, porque eles mudam o jeito de ler o livro inteiro.

Capítulos 1 a 11	A história do mundo. A criação, o jardim e a desobediência do primeiro casal, o assassinato de Caim, um mundo que vai apodrecendo por dentro, o dilúvio de Noé, e a torre de Babel, quando os povos se espalham pela terra. A câmera está aberta, mostrando tudo de cima.
Capítulos 12 a 50	A história de uma família só: Abraão, o filho Isaque, o neto Jacó e o bisneto José. Aqui a câmera fecha. O livro larga o mundo inteiro e aponta para uma família.

A virada entre os dois blocos, na passagem do capítulo 11 para o 12, é um dos momentos mais importantes da Bíblia. Onze capítulos falam do universo inteiro e de todos os povos. Aí, de uma hora para outra, tudo se afunila para um único homem, parado em Harã, que recebe uma ordem e uma promessa.

É como sair de uma foto do mundo todo visto de cima e entrar dentro de uma única barraca.

E esse estreitamento é justamente o método do livro.

> GUARDE ISTO
>
> Para abençoar todos os povos, Deus começa escolhendo um.

Uma dica de leitura. Gênesis tem uma frase que se repete umas dez vezes, como se fosse um título de capítulo: “esta é a história dos descendentes de” fulano. Ela aparece para Adão, para Noé, para os filhos de Noé, para Sem, para Terá, para Ismael, para Isaque, para Esaú e para Jacó. Cada vez que ela aparece, começa uma parte nova do livro.

E tem um detalhe curioso nessa frase. A “história de” alguém quase sempre conta a vida dos filhos daquela pessoa, e não a vida dela. A história de Terá conta a vida de Abraão. A história de Isaque conta a vida de Jacó. A história de Jacó conta a vida de José. O livro caminha sempre olhando para a geração seguinte.

E ainda tem outro padrão nesses títulos. Cada vez que a família se divide, o filho que não foi o escolhido ganha uma lista curta de descendentes e sai de cena, e a história continua pelo escolhido. Ismael ganha a lista dele e sai; a história segue por Isaque. Esaú ganha a lista dele e sai; a história segue por Jacó. Só pelo esqueleto do livro já dá para ver um dos temas centrais: Deus escolhendo.

PARTE 5

O que observar enquanto você lê

Alguns fios atravessam Gênesis de ponta a ponta. Vale entrar na leitura já sabendo procurar por eles.

O primeiro fio é criação e bênção. Em Gênesis 1, Deus cria falando. Ele dá uma ordem, e o caos vira ordem. E ele olha para o que fez e chama de “bom”.

O ponto mais alto da criação é o ser humano, feito à imagem de Deus (Gênesis 1:27). E a primeira coisa que Deus diz a essa criatura é uma bênção: “Sejam férteis e multipliquem-se” (Gênesis 1:28).

A partir daí, ter filhos e a vida se multiplicar viram sinal de bênção no livro inteiro. É por isso que, mais para a frente, a dificuldade das esposas dos patriarcas em ter filhos vai pesar tanto na história.

O segundo fio é a queda e a maldição. Em Gênesis 3, a desobediência do primeiro casal quebra a relação com Deus. O mundo que era bom passa a ter espinho, dor e morte. A palavra “maldição” entra no texto e se espalha: cai sobre a serpente, sobre o solo, sobre Caim.

Daí em diante, Gênesis é a história de um mundo que perdeu a bênção do começo, e de um Deus que trabalha para devolver essa bênção.

O terceiro fio é a semente, quer dizer, a descendência. Bem no meio da sentença contra a serpente, aparece a primeira promessa de que o estrago vai ser desfeito. Deus fala à serpente:

> *“Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”*
>
> Gênesis 3:15 (NVI)

A partir daí, o livro fica seguindo o rastro de uma linhagem. De Sete a Noé, de Noé a Sem, de Sem a Abraão. Sempre com a mesma pergunta por baixo: por onde vai vir o descendente que conserta o estrago?

O quarto fio é a promessa a Abraão. Ela vem em três partes, e organiza toda a segunda metade do livro.

Logo que chama Abraão, Deus lhe diz: “Farei de você um grande povo” (isso é descendência), “vá para a terra que eu lhe mostrarei” (isso é terra), “e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados” (isso é bênção para o mundo inteiro) (Gênesis 12:1-3).

Guarde essas três palavras: terra, descendência e bênção para todos os povos. Elas são o motor da segunda metade do livro, e reaparecem, de forma nova, até o fim da Bíblia.

O quinto fio é a escolha de Deus pelos improváveis. E esse é um dos mais surpreendentes.

Num mundo em que o filho mais velho herdava tudo, Deus escolhe sempre o mais novo. Isaque, e não Ismael. Jacó, e não Esaú. Efraim, e não Manassés. Judá e José passam na frente de Rúben, que era o filho mais velho.

Num mundo em que a mulher valia pela capacidade de ter filhos, Deus faz a promessa passar justamente pelas que não conseguiam engravidar: Sara, Rebeca e Raquel. Todas incapazes de ter filhos, até que Deus abre o ventre de cada uma.

A escolha de Deus nunca cai sobre o mais forte, o mais merecedor ou aquele que tinha o direito. Ela cai sobre quem a lógica humana descartaria. E isso diz muito sobre quem é o Deus que escolhe.

GUARDE ISTO

Deus não escolhe o mais forte. Deus escolhe o improvável, aquele que a lógica do mundo jogaria fora.

O sexto fio é o mais importante de todos, porque é a chave para ler o livro inteiro. É o domínio de Deus sobre o mal que os homens fazem.

No fim do livro, depois de anos de traição, escravidão e cadeia, José está diante dos irmãos que o venderam. E ele resume a própria vida numa frase só:

> *"Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos"*
>
> Gênesis 50:20 (NVI)

Essa frase não serve só para José. Ela descreve como Gênesis funciona do começo ao fim. A promessa de Deus não avança em volta do pecado humano, driblando ele. Ela avança passando bem por dentro do pecado.

Guarde Gênesis 50:20. É a lente com que o livro pede para ser lido.

PARTE 6

Onde você vai travar, e como atravessar

Esta é a parte mais importante deste material. Leia com atenção, porque é aqui que muita gente empaca.

Três dúvidas travam quase todo mundo que chega a Gênesis pela primeira vez. E as três tocam no mesmo ponto: o que fazer quando a Bíblia conta o pecado dos seus personagens principais sem parar para condenar em voz alta.

Vamos enfrentar as três com calma.

Por que ter filhos com escravas? Isso não é traição?

Em Gênesis 16, Sarai não consegue engravidar. Então ela entrega ao marido, Abrão, a sua escrava egípcia, chamada Agar, para que Agar tenha um filho no lugar dela. Sarai diz: “Já que o Senhor me impediu de ter filhos, possua a minha serva; talvez eu possa formar família por meio dela” (Gênesis 16:2).

Mais para a frente, em Gênesis 30, a mesma coisa acontece em dobro. Raquel, que não conseguia ter filhos, dá ao marido Jacó a sua escrava Bila. E Lia, sentindo que tinha parado de ter filhos, dá a sua escrava Zilpa. Quatro das doze tribos de Israel nascem dessas duas escravas.

A primeira reação de quem lê hoje é: isso não é traição? Deus não condena o adultério? Para responder com honestidade, a gente precisa entender como funcionava aquele mundo antigo, onde essa prática tinha nome, forma e regra.

Naquelas sociedades, uma esposa que não desse um herdeiro ao marido enfrentava um problema grave. A continuidade da família, a herança e até o respeito aos antepassados dependiam de um filho. Sem filho, a casa acabava.

A saída aceita por todos era a escrava-substituta. A própria esposa entregava ao marido uma escrava dela para ter um filho. E esse filho era contado como filho da esposa, não da escrava.

Repare no detalhe que muda tudo: quem arranja o acordo é a esposa. Não é um marido procurando outra mulher escondido. É a própria esposa propondo um jeito, dentro da lei da época, de resolver o problema de não ter filhos.

PARA ENTENDER O CONTEXTO

Isso não é invenção da Bíblia. Existem documentos antigos de povos vizinhos que registram exatamente esse costume. Havia contratos de casamento em que a esposa, se não tivesse filhos, era obrigada a dar uma escrava ao marido, e a criança nascida assim não podia ser expulsa de casa. As leis do rei Hamurabi, da Babilônia, escritas séculos antes, tratam da mesma situação: a esposa sem filhos dá uma escrava ao marido para gerar um herdeiro.

E essas mesmas leis antigas descrevem o que acontece em Gênesis 16 quase palavra por palavra. Se a escrava, depois de engravidar, começasse a se achar igual à senhora, a senhora podia rebaixá-la de volta à condição de escrava. E é isso mesmo que acontece: Agar engravida, “começou a olhar com desprezo para a sua senhora” (Gênesis 16:4), e Sarai reage com dureza, até Agar fugir para o deserto.

Ou seja, o costume era real, conhecido e comum. O leitor de Gênesis está diante de uma prática legal da época, não de uma maluquice inventada pelo texto.

Isso responde à parte legal da pergunta. Naquela cultura, aquele arranjo não era adultério. Adultério era a mulher casada se envolver com um homem que não era o marido dela. Aqui é o contrário: a própria esposa arruma uma união com a sua escrava para ter um herdeiro que vai ser contado como dela. Pela lei daquele tempo, ninguém traiu ninguém.

E agora chega o ponto mais importante, aquele que sustenta a leitura correta de Gênesis inteiro.

O texto conta a prática. O texto não manda fazer isso.

Gênesis é um livro de histórias, quase sem leis. Em nenhum momento Deus manda alguém pegar a escrava da esposa. O que existe é o relato do que essas pessoas fizeram, seguido de perto pela descrição do estrago que aquilo causou.

A Bíblia contar uma coisa não é a mesma coisa que a Bíblia aprovar essa coisa. Essa diferença separa a leitura madura da leitura ingênua.

E o texto mostra o estrago sem falhar uma vez.

No caso de Sarai e Agar, vem o desprezo da escrava grávida, a amargura da senhora, a fuga de Agar para o deserto e, mais tarde, a expulsão de Agar e do menino Ismael de casa (Gênesis 21:9-14). É uma cena de dor que o próprio Abraão sofre calado.

No caso de Jacó, o arranjo das escravas se soma à disputa feroz que já existia entre as irmãs Lia e Raquel. A briga por filhos vira quase uma guerra. Os nomes das

crianças registram as farpas entre as duas, e chega ao ponto de as irmãs negociarem o marido em troca de umas plantas (Gênesis 30:14-16).

E essa divisão dentro da família não para no capítulo 30. Ela volta no favoritismo de Jacó pelo filho de Raquel, José. E volta na hora em que os filhos das escravas estão entre os que vendem o próprio irmão. A raiz plantada no atalho dá fruto ruim por gerações.

Por cima de tudo isso, paira uma frase escrita lá no comecinho do livro:

> *"Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne"*
>
> Gênesis 2:24 (NVI)

Um homem, uma mulher, uma só carne. Esse é o desenho original de Deus. E ele funciona como a régua que julga, calada, cada desvio contado depois.

O leitor nem precisa de um sermão condenando o costume dos patriarcas. Basta ler Gênesis 2:24 e depois acompanhar o tamanho do estrago que a casa dividida produz. O livro condena pela consequência, não pelo sermão.

E ainda tem um ponto que amarra a história com a promessa. A promessa a Abraão era de um filho. Mas o filho da promessa não veio pelo atalho. Ismael nasceu do esforço humano de resolver o problema por conta própria. E Deus deixa claro que não é por aí que a aliança continua: "Mas a minha aliança, eu a estabelecerei com Isaque" (Gênesis 17:21), o filho que Sara, já velha e sem chance nenhuma pela natureza, ainda ia ter.

O filho do cálculo humano de um lado. O filho do impossível, feito por Deus, do outro.

GUARDE ISTO

A promessa de Deus não se cumpre pelo atalho da nossa pressa. Ela se cumpre pela mão de Deus, na hora de Deus.

Séculos depois, o apóstolo Paulo olha para essa história das duas mulheres e a usa como figura de dois jeitos de se relacionar com Deus: um baseado no esforço da própria pessoa, outro baseado na promessa recebida pela fé (Gálatas 4:21-31). Paulo não está reescrevendo o passado. Ele está colhendo em Gênesis um contraste que já estava lá no texto.

Por que, para fazer uma promessa, tinha que pegar na coxa?

Duas vezes no livro alguém firma um juramento colocando a mão debaixo da coxa de outro homem.

Em Gênesis 24, Abraão, já velho, faz o servo mais antigo da casa jurar que vai buscar uma esposa para Isaque na terra da parentela dele. Abraão diz: “Ponha a mão debaixo da minha coxa e jure pelo Senhor” (Gênesis 24:2-3).

Em Gênesis 47:29, Jacó, perto de morrer, faz o mesmo pedido ao filho José, para que José não o enterre no Egito.

Quem lê hoje estranha o gesto e às vezes acha que tem algo indecente ali. Não tem nada de moral em jogo. É só um costume da época, com um significado bem definido.

A palavra que a Bíblia usa ali, traduzida por “coxa”, aponta para a parte de cima da perna. Mas, no modo antigo de falar, ela também servia como um jeito discreto de nomear a parte do corpo de onde saía a descendência de um homem, os filhos e os netos. Quando os textos antigos diziam que alguém tinha vindo da coxa de um homem, queriam dizer que aquela pessoa tinha descendido dele, que tinha nascido da família dele. A coxa, nesse uso, é a fonte da descendência. É o lugar de onde vêm os filhos.

Por isso, jurar com a mão nessa região tem uma lógica clara. A pessoa faz o juramento tocando a origem da linhagem, ou seja, tocando aquilo que vai garantir o cumprimento futuro do que está sendo prometido.

Quando Abraão faz o servo jurar assim sobre a busca de uma esposa para Isaque, ele está ligando o juramento à continuidade da própria promessa, que depende de Isaque ter filhos. Quem jura desse jeito jura pela descendência que vai fazer o juramento se cumprir, muito depois de quem jurou já ter morrido.

O importante para o leitor é entender a natureza do ato. É um juramento sério, que prende a pessoa à palavra dada. É o equivalente antigo a assinar um contrato com peso de vida ou morte, feito com um gesto do corpo cheio de sentido dentro daquela cultura.

É costume, não é questão de conduta errada. Jogar o nosso constrangimento de hoje em cima daquele gesto só atrapalha a leitura.

Por que Abraão, o herói da fé, mentiu?

Três vezes o livro conta a mesma cena vergonhosa.

Em Gênesis 12:10-20, Abrão desce ao Egito por causa da fome. Com medo de que o matassem para tomar a sua esposa bonita, ele apresenta Sarai como se fosse

irmã dele, e não esposa. O faraó leva Sarai para o palácio. Só a ação de Deus, que fere a casa do faraó com pragas, desfaz a situação.

Em Gênesis 20, a mesma coisa se repete na cidade de Gerar, agora com o rei Abimeleque. E de novo Deus intervém, dessa vez avisando o rei num sonho, antes que ele encoste em Sara.

E em Gênesis 26:6-11, Isaque, o filho, faz exatamente o mesmo com a esposa dele, Rebeca, na mesma Gerar. O pecado do pai virou herança de família.

A pergunta é direta. Por que Abraão, o herói da fé, o homem escolhido por Deus, mente? E ele não mente por qualquer motivo. Ele mente por falta de fé, justamente na hora em que devia confiar que o Deus que o chamou ia protegê-lo.

Tem um detalhe do texto que complica a coisa de um jeito interessante. Em Gênesis 20:12, Abraão se defende diante de Abimeleque: “Além disso, na verdade ela é minha irmã por parte de pai, mas não por parte de mãe; e veio a ser minha mulher” (Gênesis 20:12).

Sara era mesmo meia-irmã dele. Então, tecnicamente, ele não contou uma mentira completa. Ele contou uma meia-verdade.

Mas isso não o salva. A meia-verdade foi usada de propósito para enganar, para esconder que ela também era esposa dele e assim se proteger. O fato de a frase ser tecnicamente verdadeira não conserta a intenção de enganar. É engano do mesmo jeito, e o texto trata como engano.

Tanto é que o próprio Abimeleque, um rei que nem servia ao Deus verdadeiro, repreende Abraão por ter trazido “tamanha culpa” sobre o seu reino (Gênesis 20:9). Repare na cena: é o pagão dando lição de ética no escolhido de Deus.

O que fazer com isso? A resposta está no jeito como o livro escreve os seus heróis.

Gênesis é de uma honestidade quase dura com os patriarcas. Ele registra a covardia de Abraão, o favoritismo de Isaque, as trapaças de Jacó, a violência de dois filhos de Jacó numa cidade (Gênesis 34), a bebedeira de Noé, a história feia de Judá com Tamar (Gênesis 38), a crueldade dos irmãos de José.

O texto não esconde, não enfeita e não constrói estátuas dos seus personagens. Isso separa Gênesis de boa parte dos livros antigos, que costumavam engrandecer os seus fundadores e apagar os defeitos deles. Gênesis faz o contrário: mostra a sujeira dos escolhidos com uma franqueza que chega a incomodar.

E aqui aparece o segundo movimento, mais importante que o primeiro.

Enquanto Abraão mente por medo, Deus age para proteger a promessa apesar da falha do homem. É Deus quem fere a casa do faraó. É Deus quem avisa Abimeleque no sonho. É Deus quem mantém Sara intocada, para que o filho da promessa nasça dela, e não de outro.

A aliança não fica pendurada na fé firme de Abraão, porque, nesse episódio, a fé de Abraão faltou. A aliança se sustenta na fidelidade de quem a fez.

> GUARDE ISTO
>
> O herói de Gênesis não é o patriarca. É o Deus que segura a promessa mesmo quando o homem treme.

A chave que junta as três dúvidas

As três dúvidas parecem diferentes, mas se resolvem pela mesma chave. Vale dizer essa chave com todas as letras, porque ela é a âncora deste material inteiro.

> GUARDE ISTO
>
> A Bíblia conta a verdade sobre os seus heróis. Contar um pecado não é aprovar esse pecado. A Escritura é honesta sobre a sujeira dos escolhidos porque o personagem principal da história nunca foi a virtude deles. Sempre foi a graça de Deus.

Isso junta os três casos.

A escrava-substituta é um costume da época, que o texto registra e cujo preço o texto mostra sem parar, sem nunca transformar em mandamento.

A mão na coxa é um gesto cultural de juramento, sem carga moral, que só assusta quem lê fora do mundo dele.

A mentira de Abraão é uma falha de fé que o texto não disfarça e que Deus contorna para preservar o que tinha prometido.

Nos três, o método de Gênesis é o mesmo: contar o que aconteceu com honestidade, e deixar que a graça de Deus, e não a perfeição dos homens, carregue a história.

Essa chave protege o leitor de dois erros ao mesmo tempo.

Ela impede de usar o comportamento dos patriarcas como regra, como se o que Abraão ou Jacó fizeram fosse exemplo a copiar só porque está na Bíblia.

E impede também de jogar o livro fora por escândalo, como se a presença do pecado ali fosse defeito do texto. Não é defeito. É a honestidade do texto.

Gênesis não é um catálogo de bons exemplos. É o relato de como Deus construiu um povo usando material humano falho. E o milagre da história está exatamente aí.

Ainda tem mais três lugares onde você pode tropeçar

Além dessas três, alguns outros pontos costumam derrubar o leitor novo. Vale enfrentar cada um de frente, explicando, sem enrolar.

Parece que a criação é contada duas vezes.

Quem lê Gênesis com atenção percebe uma coisa estranha: a criação parece ser contada duas vezes, e de jeitos diferentes.

Gênesis 1:1 até 2:3 traz um relato grande e organizado, em sete dias, com aquela fórmula “e Deus disse”. Nesse relato, o ser humano é criado por último, homem e mulher juntos (Gênesis 1:27).

Aí Gênesis 2:4-25 muda o tom por completo. A cena agora é bem mais próxima, centrada num jardim. O homem é formado primeiro, do pó da terra, depois vêm as plantas e os animais, e a mulher é feita por último, a partir do próprio homem.

A aparente contradição está na ordem. No capítulo 1, as plantas e os animais vêm antes do ser humano. No capítulo 2, o homem parece vir antes deles.

A explicação é mais simples do que parece. Não são dois relatos brigando um com o outro. São dois relatos que se completam, e cada um tem um propósito.

Gênesis 1 é a câmera aberta. É o panorama geral, que mostra a criação inteira, em ordem, com o ser humano como a coroa de tudo.

Gênesis 2 é a câmera fechada. Ele volta ao sexto dia e amplia um único momento: a criação do homem e do jardim, contada por dentro.

Isso era um recurso comum nas narrativas antigas: primeiro se dá o quadro geral, depois se volta e se detalha um ponto dele. A ordem do capítulo 2 não é uma linha do tempo. É uma ordem montada em torno do homem, com a mulher como o ponto mais alto da cena, aquilo que finalmente resolve o “não é bom que o homem esteja só” (Gênesis 2:18).

E tem uma diferença bonita entre os dois. No capítulo 1, Deus ordena o mundo pela palavra, de longe, como um rei. No capítulo 2, Deus se abaixa e modela o homem com as mãos, como um oleiro trabalha o barro. Os dois retratos são verdadeiros. Cada um diz uma coisa que o outro não diz.

As idades enormes e as listas de nomes.

Nos capítulos 5 e 11, o leitor esbarra em números que assustam. Adão vive 930 anos. Matusalém vive 969. E a lista dos antepassados de antes do dilúvio soma séculos por nome. Depois do dilúvio, as idades vão caindo aos poucos, até chegarem a números normais no tempo dos patriarcas.

O que fazer com isso? Há alguns caminhos. Uns leem os números ao pé da letra, entendendo que as pessoas viviam mesmo tudo aquilo antes do dilúvio, e que isso foi diminuindo com o tempo. Outros entendem que esses números têm um uso simbólico, ligado a algum sistema de contas antigo, carregando um significado além da simples idade.

E há um dado que ajuda a enxergar melhor. Existe uma lista antiga de reis da Suméria, um povo vizinho, que dava aos reis de antes do dilúvio reinados de dezenas de milhares de anos, um deles com quase vinte e nove mil anos. Perto disso, os números de Gênesis são bem mais modestos. É possível que o texto esteja conversando com esse tipo de tradição da região, mas numa escala bem reduzida.

Só que tem uma coisa mais importante do que resolver os números: entender para que servem essas listas de nomes. O leitor de hoje tende a pular as genealogias como se fossem enchimento. Elas não são.

As listas de Gênesis carregam a promessa.

A lista do capítulo 5, de Adão até Noé, e a do capítulo 11, de Sem até Terá, traçam a linha daquele descendente prometido lá em Gênesis 3:15, de geração em geração, até chegar a Abraão.

Elas fazem a ponte entre a história do mundo, dos primeiros capítulos, e a história da família escolhida. Cada nome é um elo mostrando que a promessa não se perdeu no caminho, que Deus manteve a linhagem viva através de séculos de morte.

Repare que, no capítulo 5, uma frase se repete a cada geração: “e morreu”. E morreu. E morreu. Até que ela é interrompida por uma exceção. De Enoque o texto diz que ele “andou com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado” (Gênesis 5:24).

As listas contam, num ritmo seco, a mesma história de fundo do livro inteiro. A morte reina, e Deus abre caminho no meio dela.

Deus mandou Abraão matar o próprio filho?

Gênesis 22 é o capítulo mais pesado do livro. Deus manda Abraão sacrificar o próprio filho: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto” (Gênesis 22:2).

Abraão obedece. Prepara o altar, amarra o filho, levanta a faca. Aí um anjo o segura, e aparece um carneiro preso pelos chifres num arbusto, para ser oferecido no lugar do menino.

O problema é claro. A própria Lei de Deus vai condenar com toda a força o sacrifício de crianças (por exemplo em Levítico 18:21 e Deuteronômio 12:31). Então como é que Deus pode pedir justamente aquilo que ele detesta?

O texto dá algumas chaves.

A primeira está logo na abertura do capítulo: “Deus pôs Abraão à prova” (Gênesis 22:1). O leitor sabe desde a primeira linha que aquilo é um teste. Abraão é que não sabe. A tensão do capítulo inteiro está nessa distância: o leitor sabe uma coisa que o personagem não sabe.

A segunda chave está no mundo em que a cena acontece. Naquele tempo e naquela região, sacrificar o primeiro filho para uma divindade era uma prática conhecida e temida. A história entra nesse mundo e o vira do avesso. No momento decisivo, Deus segura a mão de Abraão, impede o golpe e providencia um substituto. Fica gravado, para sempre, que este Deus não quer a morte do filho. Ele quer a entrega do coração.

A terceira chave é o lugar desse pedido na vida de Abraão. Isaque é o filho da promessa. É o filho por quem Abraão esperou décadas. É o filho de quem depende todo o futuro da aliança. Pedir esse filho de volta é pedir a promessa inteira de volta. E a resposta de Abraão mostra uma fé que confia mesmo sem entender.

Repare em dois detalhes. No caminho para o monte, Abraão diz ao servo que “voltaremos”, no plural, como se soubesse que os dois voltariam (Gênesis 22:5). E ao filho ele responde: “Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto” (Gênesis 22:8). No fim, ele dá ao lugar o nome de “o Senhor proverá” (Gênesis 22:14).

O Novo Testamento lê esse episódio pela fé de Abraão. Diz que “Abraão levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos e, figuradamente, recebeu Isaque de volta dentre os mortos” (Hebreus 11:19).

Explicar o capítulo não tira o desconforto que ele provoca. E nem deveria tirar. O texto quer que o leitor sinta o peso do que está sendo pedido. É justamente esse peso que torna a intervenção de Deus, lá no fim, tão grandiosa.

PARTE 7

O roteiro de leitura: cinco semanas

Cinquenta capítulos, cinco semanas, cinco dias de leitura e dois dias de folga por semana. As folgas são de propósito: se você perder um dia, recupera sem se sentir derrotado. Perder um dia e achar que já era é a causa número um de abandono.

O livro se divide com naturalidade em quatro grandes histórias. Guarde onde você está a cada dia, porque isso é o que impede a leitura de virar um borrão.

Uma dica para o plano inteiro: em cada trecho, observe como a promessa de Deus continua avançando, mesmo quando os homens falham.

Semana 1, capítulos 1 a 11, a história do mundo.

Dia 1 (cap. 1-2)	A criação. Observe os dois retratos: o panorama dos sete dias e a câmera fechada sobre o jardim.
Dia 2 (cap. 3-4)	A desobediência do primeiro casal e o primeiro assassinato. Observe como a maldição vai se espalhando.
Dia 3 (cap. 5-6)	A lista de Adão a Noé, com o refrão “e morreu”. Observe a exceção de Enoque. Começa a corrupção que leva ao dilúvio.
Dia 4 (cap. 7-9)	O dilúvio de Noé e o recomeço do mundo.
Dia 5 (cap. 10-11)	Os povos se espalham e vem a torre de Babel. No fim, a câmera começa a fechar sobre Terá, o pai de Abrão.

Semana 2, capítulos 12 a 24, a história de Abraão.

Dia 6 (cap. 12-14)	O chamado e a promessa em três partes (12:1-3). Já no capítulo 12, a primeira mentira, no Egito.
Dia 7 (cap. 15-17)	A promessa é creditada como justiça (15:6). O atalho de Agar. A aliança confirmada.
Dia 8 (cap. 18-19)	A visita a Abraão e a destruição de Sodoma.
Dia 9 (cap. 20-22)	A mentira de novo, em Gerar. O nascimento de Isaque, o filho impossível. O teste no monte Moriá.
Dia 10 (cap. 23-24)	A morte de Sara e a busca de uma esposa para Isaque.

Semana 3, capítulos 25 a 36, a história de Jacó.

Dia 11 (cap. 25-26)	Jacó e Esaú desde o ventre. Isaque repete a mesma mentira do pai.
Dia 12 (cap. 27-28)	Jacó rouba a bênção e foge. O sonho da escada que liga o céu à terra.
Dia 13 (cap. 29-30)	A rivalidade entre Lia e Raquel e o nascimento dos doze filhos.
Dia 14 (cap. 31-33)	A fuga de Labão, a luta com Deus à beira do rio e o novo nome, Israel. O reencontro com Esaú.
Dia 15 (cap. 34-36)	A violência em Siquém, a volta a Betel e a lista dos descendentes de Esaú.

Semana 4, capítulos 37 a 44, a história de José, primeira parte.

Dia 16 (cap. 37)	José é vendido pelos próprios irmãos.
Dia 17 (cap. 38)	A história de Judá e Tamar, no meio da história de José.
Dia 18 (cap. 39-40)	A casa de Potifar e a prisão injusta.
Dia 19 (cap. 41)	José interpreta o sonho do faraó e sobe ao segundo lugar do Egito.
Dia 20 (cap. 42-44)	Os irmãos descem ao Egito por causa da fome, sem reconhecer José.

Semana 5, capítulos 45 a 50, o fim da história de José.

Dia 21 (cap. 45)	José se dá a conhecer aos irmãos. Observe que ele já lê a própria história como obra de Deus.
Dia 22 (cap. 46-47)	Jacó desce ao Egito e a família se instala em Gósen.
Dia 23 (cap. 48)	Jacó abençoa os filhos de José, e de novo o mais novo passa na frente.
Dia 24 (cap. 49)	A bênção de Jacó aos doze filhos, com a palavra de realeza sobre Judá.
Dia 25 (cap. 50)	A morte de Jacó e a frase que resume o livro inteiro (50:20).

Para quem lê pouco por dia, um capítulo de cada vez, o mais importante é nunca perder de vista em qual das quatro histórias você está.

Quem trava em Gênesis quase sempre é quem se perdeu nas listas de nomes do começo, achando que o livro inteiro seria assim. Não é. Passada a história do mundo, dos onze primeiros capítulos, o resto é narrativa contínua sobre uma família só, e a leitura corre solta.

PARTE 8

Como Cristo aparece em Gênesis

Aqui é preciso ter cuidado. Não vamos procurar Jesus escondido em cada árvore, poço ou pedra de Gênesis. Isso é imaginação solta, sem freio.

Vamos ficar só com as ligações que o próprio Novo Testamento faz, ou que se apoiam numa correspondência real dentro da lógica da promessa. Essas bastam, e são fortes.

A primeira promessa, lá no jardim.

Em Gênesis 3:15, dentro da sentença contra a serpente, Deus anuncia um descendente da mulher que vai ferir a cabeça da serpente, enquanto tem o próprio calcanhar ferido.

A leitura cristã sempre entendeu esse versículo como o primeiro esboço da vitória sobre o mal, uma vitória que custa uma ferida. É a menor semente do livro, e uma das mais colhidas depois.

A descendência lida por Paulo.

Em Gálatas 3:16, Paulo faz um raciocínio fino a partir da palavra “descendência”. Ele repara que a promessa foi feita a Abraão “e ao seu descendente”, no singular, e não “aos seus descendentes”, no plural. E conclui que esse descendente, no fim, é Cristo (Gálatas 3:16).

A ideia é essa: através da linhagem inteira, a promessa vai se concentrando em um descendente específico, em quem tudo se cumpre.

Melquisedeque.

Em Gênesis 14:18-20, um personagem aparece do nada e some do nada. É Melquisedeque, “rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo” (Gênesis 14:18). Ele traz pão e vinho, abençoa Abrão e recebe dele o dízimo.

A carta aos Hebreus pega essa figura e trabalha nela (Hebreus 7). Ela repara que o texto de Gênesis não registra pai, mãe, nascimento nem morte de Melquisedeque. E usa esse silêncio para apresentá-lo como imagem de um sacerdócio diferente: um sacerdócio que não vem da tribo de Levi e que não tem fim. É o modelo do sacerdócio eterno de Cristo.

O cetro de Judá.

Quando Jacó, já velho, abençoa os filhos, ele dá a Judá uma palavra de realeza: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão” (Gênesis 49:10).

Já os judeus antigos liam esse versículo pensando na vinda do Messias, o rei prometido. A leitura cristã segue a mesma direção, vendo o cumprimento num descendente de Judá, aquele que o último livro da Bíblia chama de “o Leão da tribo de Judá” (Apocalipse 5:5).

José, o que sofre e salva.

O Novo Testamento não monta uma comparação formal entre José e Cristo, então convém ficar só no desenho geral, sem forçar detalhes.

Mesmo assim, o desenho da vida de José é fácil de reconhecer. O filho amado, rejeitado e vendido pelos próprios irmãos. Humilhado e preso sem culpa. Depois levantado ao segundo lugar do trono e usado para salvar a vida de muitos, inclusive dos que o traíram.

Gênesis 50:20 resume esse desenho: o mal que os homens fizeram, Deus transformou em salvação para muitos. É nessa semelhança de função, e não em detalhes soltos, que a leitura de José como figura de Cristo se sustenta de pé.

PARTE 9

Perguntas para levar

1. Se Gênesis conta sem esconder a covardia, a trapaça e o favoritismo dos seus personagens principais, e mesmo assim os chama de escolhidos de Deus, o que isso diz sobre a base em que a aliança se apoia? E o que muda no jeito de você olhar para as suas próprias falhas?
2. Se a promessa a Abraão passa sempre pelo filho mais novo, pela mulher que não conseguia ter filhos e pelo caminho improvável, e nunca pelo herdeiro de direito nem pelo atalho do esforço humano, o que o livro está ensinando sobre como Deus escolhe? E por que essa lógica incomoda tanto quem confia no próprio mérito?
3. Se Gênesis 50:20 diz que o mesmo ato pode ser mau na intenção de quem faz e bom no propósito de Deus, sem que uma coisa apague a outra, como segurar as duas verdades ao mesmo tempo: a responsabilidade de quem faz o mal e o governo de Deus sobre o resultado? E como não transformar isso numa desculpa para o seu próprio erro?

CONCLUSÃO

o Deus que segura a promessa

Gênesis é o livro dos começos. O começo do mundo, o começo do pecado, o começo de uma família. Mas, mais do que tudo, é o começo de uma promessa que Deus faz e se recusa a abandonar.

O livro atravessa cinquenta capítulos de gente falha. Mentira, ciúme, trapaça, favoritismo, irmão vendendo irmão. E, no meio de tudo isso, a promessa nunca se perde. Ela avança passando por dentro do pecado dos homens, e não em volta dele.

Por isso o livro termina na boca de José, com a frase que resume tudo o que veio antes: “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos” (Gênesis 50:20).

> Esse é o Deus de Gênesis. O que cria do nada. O que escolhe o fraco. O que segura a promessa quando a mão do homem treme. E o que transforma em bem até o mal que fizeram contra ele.